REDESCOBRINDO O PRAZER DO TEXTO: RELATO DE UMA EXPERIËNCIA

Paula Schild Mascarenhas (Universidade Federal de Pelotas)
Cristiane Salete Florek (Universidade Federal de Pelotas)

Palavras-chave: Simões Lopes Neto, leitura, prazer do texto.

Resumo: Este trabalho é o relato de um projeto de Extensão desenvolvido no Departamento de Letras da Faculdade de Letras da UFPel, intitulado *Literatura na escola: João Simões Lopes Neto*. Trata-se de projeto realizado junto a escolas públicas municipais de Pelotas, em turmas de ensino fundamental, com o objetivo de auxiliar os professores na tarefa de promover o hábito da leitura da literatura entre seus alunos. Com o apoio do Instituto João Simões Lopes Neto, realizam-se atividades de sensibilização e de aproximação dos alunos com a obra de Simões Lopes Neto, em visitas à casa do escritor. Posteriormente, o projeto acompanha, nas escolas, o desenrolar do trabalho de leitura em sala de aula, o qual se ampara em pressupostos e técnicas de abordagem do texto literário em língua estrangeira, em que a oralidade tem espaço privilegiado e o ensino lúdico com atenção às relações intersemióticas é porta de entrada à descoberta do literário e do prazer do texto.

Pretendemos relatar aqui o desenvolvimento de um projeto de extensão, ainda em andamento, proposto pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pelotas, em colaboração com o Instituto João Simões Lopes Neto e a Secretaria Municipal de Educação de Pelotas. Com o título *Literatura na Escola: João Simões Lopes Neto*, tal projeto busca aproximar a literatura da sala de aula de Ensino Fundamental, através da obra do escritor regionalista.

Num primeiro momento do projeto, a SME selecionou escolas e professores interessados em participar do trabalho e discutiu-se com estes os objetivos fundamentais e a metodologia a ser aplicada, além de selecionarem-se os textos a serem trabalhados. Duas escolas participam do projeto, a Escola de Educação Infantil Laquintinie e o Colégio Municipal Pelotense. O projeto é desenvolvido em três turmas, duas de sétima e uma de oitava série.

Na primeira etapa, as turmas visitaram a casa do escritor, assistiram a um documentário sobre sua vida e obra e ouviram a leitura de um conto, a partir do qual se propuseram atividades a serem desenvolvidas posteriormente pelo professor em sala de aula. Selecionamos contos extraídos de *Casos do Romualdo*, com os quais demos início ao trabalho e alguns textos da obra *Contos Gauchescos*, os quais serão utilizados numa etapa mais avançada do projeto.

É sabido que as práticas de leitura e de expressão escrita são as mais eficazes para o desenvolvimento lingüístico dos alunos. No entanto, professores do ensino médio e fundamental muitas vezes se ressentem de um maior domínio de técnicas para a aproximação de seus alunos com o texto, em especial com o texto literário. É nesta perspectiva que propusemos estimular a prática da leitura da literatura nas escolas públicas municipais de Pelotas a partir da obra simoneana. O objetivo norteador do trabalho foi a sensibilização dos alunos para a leitura e a proposta de espaços de discussão não só da obra, mas das formas individuais de aproximação com o texto desenvolvidas por cada leitor. O projeto pretende ser permanente, acompanhando as turmas participantes até o primeiro ano do ensino médio, numa proposta seqüencial de leituras de Simões Lopes Neto, com a qual se pretende promover no aluno uma maior familiaridade com esta obra em particular e com o texto literário em geral.

A premissa inicial para um ensino de Literatura que se torne hábito inerente às atividades dos alunos, dentro e fora da escola, é a instauração da busca pela leitura como uma atitude consciente que proporcione ao leitor corrigir projeções antigas e superar experiências passadas, experimentando algo novo que, até então, não pertencia às suas expectativas. Tal conceito de leitor se apóia numa concepção de leitura como agente de mudança, móvel de reordenações de vivências e estimuladora do senso crítico e da produção de sentido, pois a literatura é fomentadora de subjetividade, através da qual se oportuniza o aprimoramento da leitura dos inúmeros textos que compõem a objetividade, propiciando também a formação de uma identidade pessoal, cultural e ética.

O grande desafio para o ensino da Literatura e o desenvolvimento de práticas de leitura na escola parece repousar justamente nos primeiros contatos com o texto, na forma com que este se projeta no imaginário dos alunos. Por isso, na tentativa de despertar no aluno a motivação necessária para mergulhar no universo da literatura e aí descobrir, na concepção de Roland Barthes, o “prazer do texto”, a partir do qual se

organiza toda a relação futura do indivíduo com o literário, optamos por fazer uma abordagem lúdica dos textos, criando um espaço privilegiado à oralidade.

Ora, percebemos, então, que estávamos lançando mão de estratégias usuais no ensino de línguas estrangeiras e na abordagem de textos literários nesses contextos de ensino. O primeiro encontro do indivíduo com o trabalho estético sobre a linguagem causa, sempre, um estranhamento, que pode vir acompanhado de prazer, quando responde à "necessidade infantil de mágica", para citar a expressão de Bruno Bettelheim (1980) ou de desamparo e bloqueio em certos casos, porque, conforme o psicólogo austríaco, "apenas uma estória que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento nos convence" (1980: 59). O contato inicial com a literatura passa a ser, então, problemático: estimulador das fantasias e da subjetividade, mas, ao mesmo tempo, inibidor, e até mesmo assustador. E nesses casos, a literatura é vista como algo estrangeiro, fora do alcance, distante. Não é por outra razão que a mesma dificuldade observada no uso do texto literário por professores de língua estrangeira apresenta-se aos professores de Língua Portuguesa. Ambos compartilham o receio de que o texto literário atemorize o aprendiz, apresentando-lhe estruturas lingüísticas ainda desconhecidas e exigindo-lhe a compreensão de certas sutilezas da língua das quais o processo de ensino não é capaz de dar conta. É exatamente esta visão que, segundo Mozzillo (2001: 83-84), "restringe o contato com a palavra escrita com objetivo estético e relega a leitura para um momento indefinido no futuro" e é decorrente da dificuldade dos professores em aceitar as "condições reais de leitura" de seus alunos. Por outro lado, há o receio dos puristas, que não aprovam o uso do texto literário em aula de língua estrangeira e tampouco em aulas de língua portuguesa por verem aí uma corrupção, por temerem que o texto torne-se mero pretexto para a explicitação de fatos gramaticais, perdendo seu status de obra de arte literária.

Tratava-se, para nós, então, de desmistificar o trabalho com o texto literário, de desfazer o que Silvana Serrani (2005: 58) chama de "a falsa dicotomia língua/literatura", mostrando na prática o quanto pode ser proveitoso para o aluno, sob todos os pontos de vista, este contato com a língua em ação na sua forma mais elaborada. Respeitando sempre, é claro, as referências de mundo prévias dos alunos, suas expectativas, seus desejos e seu imaginário.

A situação comunicacional promovida pela literatura, situação peculiar, subjetiva e individual, aciona no aprendiz capacidades pouco ou nunca utilizadas no

processo de aprendizagem seja da língua estrangeira ou da língua materna, além da motivação produzida normalmente pela obra de arte. O texto literário é, portanto, o portador mais completo da estrutura da língua e do universo cultural em que está inserida, da visão de mundo e da civilização que expressa e, de outra banda, para citar Papo e Bourgain (1989: 8) "é um laboratório lingüístico, em que a língua é constantemente solicitada e trabalhada, e é nele [no texto literário] que ela revela e exibe mais precisamente suas estruturas e funcionamentos". A literatura, neste contexto, não deve ser vista "como suplemento cultural, mas como base fundadora do ensino da língua".

Nesta perspectiva, no decorrer do projeto, em visitas que a equipe fazia às escolas, focalizamos o trabalho na produção oral e escrita a partir do texto literário. Depois das primeiras leituras em voz alta aos alunos, através das quais eles tiveram o primeiro contato com o mundo literário simoneano, propôs-se que a turma, coletivamente, criasse um conto, inspirado nos casos do Romualdo. Tal conto, de natureza oral, foi, também, contado coletivamente pela turma aos membros da equipe. Esta foi a primeira entrada na obra de Simões Lopes, pela qual os alunos familiarizaram-se com seus espaços e paisagens lingüísticas e literárias. As professoras propuseram também, como seqüência à visita à casa do escritor, que os alunos trabalhassem os textos de forma interdisciplinar. Assim, em nosso encontro na escola, recebemos inúmeros trabalhos feitos na disciplina de Artes, especialmente estórias em quadrinhos. Abria-se, deste modo, a partir da obra simoneana, um universo intersemiótico, capaz de despertar potencialidades, interesses e curiosidades nos alunos, prática estimulante e, lamentavelmente, pouco desenvolvida nos cursos de formação de professores, especialmente nos cursos de Letras no Brasil, segundo Serrani (2005).

Já familiarizados com o universo simoneano, com seu ritmo e suas imagens, partiram os alunos para a produção escrita individual, que nos proporcionou surpresas e satisfações. Cito alguns exemplos de textos escritos por alunos de sétima série do ensino fundamental:

> [...] Antes que o bicho pudesse se recuperar, subi na cama para ganhar altura e peguei uma caixa de sapatos em cima do armário; dentro da caixa apanhei uma pistola que havia herdado de meu falecido pai. Uma pistola mui antiga, que meu avô usava por precaução, velha e enferrujada, de um único tiro. Mirei na cabeça da víbora e pressionei o gatilho, fazendo muita força por causa da ferrugem, o que comprometeu minha pontaria. (Roger Minks)

> Depois de muitas já vividas por mim, Romualdo, pensei dessas não me aconteceram mais. Mas estava eu muito enganado...
> Estávamos eu e meu cavalo Gemada andando pelos arredores da estância, admirando aquele lindo dia de sol, que reluzia no campo – e que há tanto não se via. Vestido no meu traje gaudério atraía os olhares das prendas, tanto que meu Gemada parecia sorrir de tanto prazer. [...]. (Mariana Maciel)

Nesse momento, Romualdo, o seu cavalo Gemada, o seu rosilho Piolho já se haviam instalado no imaginário das crianças. Mesmo o ritmo da prosa simoneana lhes era familiar. Estávamos entrando no terreno subjetivo, impreciso e poético do prazer do texto. Este é o encontro que buscávamos e talvez repouse aí o segredo para a descoberta da literatura. O grande desafio é ultrapassar - acompanhar as alunos nessa travessia – os obstáculos que camuflam a descoberta do prazer que só a arte produz e do prazer específico que só o texto literário é capaz de suscitar. O encontro tendo se dado, a tarefa do professor está concluída: depois do momento fatal, da descoberta do literário, o indivíduo inicia uma viagem sem volta. Para Barthes, as sociedades que não lêem são vítimas do "obscurantismo do prazer". O autor lamenta não tanto os bens morais ou os valores nobres de que as pessoas se privam ao não ler, mas efetivamente a experiência do prazer, a "sombria, estúpida e trágica história dos prazeres aos quais as sociedades renunciam" .

Só a partir dessa primeira experiência, o leitor poderá chegar aos prazeres mais elevados, mais sutis, provocados pelo diálogo entre os textos produzidos pela literatura universal. O prazer secundário, mas requintado e consciente da intertextualidade. E Barthes fala nele também:

> Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que eu tenho os melhores pensamentos, que invento melhor o que é necessário a meu trabalho. O mesmo com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se ele consegue se fazer escutar indiretamente; se, lendo-o, sou levado com freqüência a levantar a cabeça, a ouvir outra coisa. Eu não sou necessariamente cativado pelo texto de prazer; pode ser um ato ligeiro, complexo, firme, quase irrefletido: movimento brusco da cabeça, tal qual o de um pássaro que não entende nada do que escutamos, que escuta o que não entendemos.[1]

---

[1] A tradução é nossa, feita a partir da edição *Du Seuil, 1973*. Optamos por traduzir o verbo *entendre*, com que Barthes joga no duplo sentido de entender e de ouvir, pela primeira acepção, que em português guarda resquícios da segunda, sem preservar porém a evidente ambigüidade encontrada no texto original. O grifo é do autor.

Facilitar a busca dos alunos pelo prazer do texto deve ser o grande objetivo do ensino de língua e literatura na escola. O caminho em direção a esta descoberta pode ser ele mesmo prazeroso, o encontro final será tanto mais gratificante quanto terá sido obstinada e atenta a busca. É algo como "o processo divino que faz existir a estrada", de que fala Fernando Pessoa, que, mais adiante no poema *Eros e Psique* ainda acrescenta: "E se bem que seja obscuro / Tudo pela estrada afora, / E falso, ele vem seguro". A segurança no processo é dada pelo professor, a quem cabe orientar as leituras, relacioná-las, entrecruzá-las em rede, criando um universo literário e estético em que seus alunos possam circular à vontade.

O lúdico tem papel fundamental neste ambiente. Pudemos observar nas turmas participantes do projeto a alegria, a disposição com que manejavam a língua dentro do espaço criado pela obra simoneana. Isto porque não havia constrangimentos formais, cobranças, normatização de espécie alguma. O trabalho com a expressão oral, tão ausente das aulas de Língua Portuguesa, foi o grande responsável por criar a intimidade dos alunos com a obra. O texto não era algo distante, fora do alcance das crianças, mas algo sobre o qual elas podiam interferir, alterando, alargando a intriga, mexendo com as personagens, brincando com as paisagens. O resultado tem sido excelente. Os alunos se interessam pela literatura de Simões Lopes, pesquisam em casa espontaneamente, buscam novas informações, levam os pais para visitar a casa do escritor, querem ler novos textos.

Está prevista uma próxima etapa do projeto, em que serão trabalhados os *Contos Gauchescos*. Com a obra maior de Simões, pretendemos aproximar dos alunos a linguagem peculiar e pitoresca de Blau Nunes, o espaço do pampa criado a partir dessa linguagem, o universo ético e estético criado pelo regionalista. A idéia é, então, depois de os alunos estarem familiarizados com o estilo e o tom de Simões Lopes Neto, proceder a análises literárias mais detalhadas, fazendo ver o minucioso e elaborado trabalho artístico do autor sobre a linguagem. Acreditamos assim, acompanhá-los no percurso do encontro com o texto, de sua dessacralização, da descoberta do prazer do texto e, novamente, de sua necessária sacralização, porém agora não imposta, mas estabelecida naturalmente no imaginário dos alunos pela identificação do estético e do inefável que caracteriza a obra de arte.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *Le Plaisir du Texte.* Paris: Eitions du Seuil, 1973.

BETTELHEIM, Bruno. *A Psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MOZZILLO, Isabella. *O Francês na Escola: conjugando língua e literatura.* In: Caderno de Letras, 8. Pelotas: UFPel, 2001.

PAPO, E. & OURGAIN, D. *Littérature et communication en classe de langue.* Paris: Hatier-Credif, 1989.

PESSOA, Fernando. *Poemas.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

SERRANI, Silvana. *Discurso e cultura na aula de língua.* Campinas: Pontes, 2005.